

MEMÓRIA CAMPINEIRA (22)

CAMPINAS E A REVOLUÇÃO DE 1842

O combate de Venda Grande, travado nas imediações de Campinas (em local já incorporado à área urbana), entre as forças liberais e as tropas imperiais, foi decisivo para o desfecho da malograda Revolução Liberal de 1842. O episódio tem sido referido por todos os que têm tratado do assunto: João de Moraes, Amador Florence, Aluísio de Almeida, Jolumá Brito, Lycurgo de Castro Santos Filho e Celso Maria de Mello Pupo. Do livro deste último, **Campinas, seu berço e juventude**, transcrevemos o relatório do bravo chefe liberal Antônio Manuel Teixeira, sobre o combate:

“Fomos surpreendidos sem que tivesse ainda chegado o Reginaldo com os de Limeira. Esperávamos descansados e dispersos, alguns mesmo em profundo sono no velho sobrado e dependências, quando assomou no alto do pasto, em nossa frente, a cavalaria inimiga, contra a qual logo que pudemos apontar as duas pecinhas de difícil manobra nos tais carretões de arrastar madeira, bem ou mal mandamos o nosso primeiro pelotinho (sic) de calibre 4, que nos pareceu dar com alguns em terra, pois estávamos distantes. Mal sabíamos, porém, que só, chamavam para aquele ponto a nossa atenção, fingindo cair; o que queriam era que, pelo flanco, todo em capoeira, nos viessem até quase a retaguarda os periquitos do Bezerra.¹ E, de fato, quando demos por eles, foi já pelo relampejar das baionetas, e pelas cerradas descargas sobre o grupo dos nossos poucos que puderam tomar as armas em desordem e rodear bravamente as duas pecinhas, cujos tiros não iam tão apressados como desejávamos, pela simples razão de não termos artilheiros, sendo o melhor que tínhamos o Chico de Barros, que o Sr. Mateus conhece, o camarada do Vicente Leite. O Boaventura² e o Viana, ainda assim faziam os impossíveis, secundados com denodo por companheiros como Luís Aranha, Capitão Silva (o nosso Chico Rato) parente de vmcs. e outros bravos, cujos nomes agora me passam de sentido, mas que direi ainda.

Tinham já dado uns oito tiros, pois iam acertando com a pontaria, quando o granizo das nutridas descargas dos negrinhos começou a dar sério, ora num ora noutra dos nossos, que nenhum troco podiam dar de fuzilaria, pois só então verificaram nada valerem as suas espingardinhas

(1) Soldados do Exército Imperial que se fardavam de verde.

(2) Trata-se de Boaventura do Amaral Camargo, cujo nome, simplificado para **Boaventura do Amaral** figura em importante rua da cidade.

de caça, em frente às reiúnas³ de formidável adarme e alcance de 400 passos e mais, rapidamente manejadas, como estavam.

O pequeno grupo dos nossos que, no começo, não sei se chegariam a uns 60, pois que os mais nem puderam buscar as armas e só trataram de salvar-se, foi já se reduzindo pela retirada, ora de um ora de outro, enquanto o permitia a manobra do inirñigo (caçadores-fuzileiros), que a cada descarga deitavam-se para carregar as armas, e erguendo-se davam poucos passos, atiravam e repetiam a manobra.

Pois eu ia dizendo que o primeiro grupo dos nossos, não excedendo de uns 60, diminuía, ora de um ora de outro, até resumir por fim no punhado de bravos, que loucamente parecia querer morrer, mas não recuar de junto às duas pequenas bocas de fogo, até ali centro da ação, mas já então caladas.

E, de fato, assim o fizeram ! Foram o grupo de heróis ! pequeng em número, mas imenso em valor !”

* * *

(3) *Reiúna* é uma espingarda, que se usava no Exército Brasileiro. (Celso Maria de Mello Pupo, *Campinas, seu berço e juventude*, pp. 129/130. Campinas, 1969. Publicações da Academia Campinense de Letras, vol. 20) N. da R. Este texto foi reproduzido em *O Passado de Campinas através de textos*, nº 59 desta revista (julho/agosto de 1974), comemorativo do bicentenário de Campinas, pp. 289/290.